



A Batalha de Aachen e o desenvolvimento da doutrina de combate urbano¹

Jean Ricardo de Holanda Torres²

Jonas Nunes de Almeida Junior³

Henrique Cesar Loyola Santos⁴

Leandro de Vargas Serpa⁵

Alexandre Pacheco de Souza⁶

Fernando Casagrande Esteves⁷

Frank Schindler⁸

Introdução

As operações de isolamento e investimento conduzidas pela 1ª Divisão Infantaria (DI) em Aachen, na Alemanha, durante a Segunda Guerra Mundial, foram algumas das maiores demonstrações de combate em localidade de que se tem conhecimento na História Militar. Foi por meio delas que os norte-americanos conquistaram a primeira cidade situada em solo alemão, causando significativo desgaste moral às tropas de Hitler e dando prosseguimento à bem-sucedida estratégia aliada na Europa.

Aachen situava-se no extremo oeste da Alemanha, a poucos quilômetros da fronteira com a Holanda (a noroeste) e com a Bélgica (a oeste). A localidade tinha importância estratégica para os aliados, uma vez que sua posse daria acesso mais rápido — por meio

¹ Este artigo foi elaborado originalmente como trabalho de avaliação da disciplina História Militar, na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), em 2015.

² Maj QMB (AMAN/97), mestre em Ciências Militares (EsAO/05). Realizou os cursos “S4 – Oficial de Logística” e “Comandante de Companhia Logística” (Alemanha/11). Atualmente, é aluno da ECEME.

³ Maj Cav (AMAN/98), pós-graduado (*lato sensu*) em Ciências Militares (EsAO/07). Comandou o Esquadrão de Comando da 5ª Brigada de Cavalaria Blindada (Ponta Grossa-PR). Atualmente, é aluno da ECEME.

⁴ Maj Art (AMAN/98), pós-graduado (*lato sensu*) em Ciências Militares (EsAO/05). Atualmente, é aluno da ECEME.

⁵ Ten Cel Com (AMAN/94), mestre em Ciências Militares (EsAO/02). Atualmente, é aluno da ECEME.

⁶ Maj Inf (AMAN/98), pós-graduado (*lato sensu*) em Ciências Militares (EsAO/07). Atualmente, é aluno da ECEME.

⁷ Maj Inf (AMAN/99), pós-graduado (*lato sensu*) em Ciências Militares (EsAO/08). Atualmente, é aluno da ECEME.

⁸ Ten Cel do Exército Alemão, formado em Guerra Eletrônica (GE) em 1997. Foi Instrutor da Escola de Guerra Eletrônica (GE) de seu país entre 2002 e 2004. Recentemente, concluiu o Curso de Comando e Estado-Maior para Oficiais de Nações Amigas da ECEME (2015).

do eixo Maubeuge-Liège-Aachen (de oeste para leste) — às áreas do vale do rio Ruhr e do rio Saar, ricas em matérias-primas, vitais à manutenção do esforço de guerra alemão (FERRELL, 2000).

Tal plano foi arquitetado pelo Gen Dwight D. Eisenhower, comandante das Forças Aliadas, que visualizara aquela região como um objetivo decisivo. Com sua conquista, se garantiria também pleno controle sobre importante nó rodoviário situado nos arredores de Aachen, o qual assegurava acesso direto ao coração da Alemanha, vindo de oeste (da Bélgica, França e Holanda). Dessa forma, o sucesso da investida aumentaria significativamente a possibilidade de rendição nazista.

Por isso, Aachen deveria ser conquistada a qualquer custo, mesmo diante do receio que tinham os norte-americanos dos combates em ambiente urbano, em virtude do provável grande número de baixas. Todavia, era necessário minar a capacidade de lutar de Hitler, dando-lhe mais um golpe, similar ao que havia sido executado na Normandia, por meio da bem-sucedida Operação Overlord, que culminou com a libertação da França.

Os embates aconteceram no mês de outubro de 1944, e se deram no contexto da manobra do 1º Exército dos EUA. Neles foram empregadas duas divisões de infantaria: a 1ª, cujo comandante era o Gen Clarence R. Huebner, que ficou responsável pelo setor sul, e a 30ª, que ficou encarregada do setor norte (**Figura 1**). Mas, pelo caminho, havia a “Linha Sie-

gfried” (**Figura 2**), ou “West Wall”, uma bem estruturada posição defensiva construída pelos alemães na fronteira oeste, um verdadeiro obstáculo ao avanço aliado, que demandaria grande esforço de guerra.

Por ser também estratégica para os alemães, Aachen estava guarnecida por tropas da 246ª Divisão de “Volksgranadier”, comandada pelo tenente-general Gerhard Wilck. Tal divisão era composta por três batalhões de infantaria, dois batalhões *fortress* (vacionados a combater em posições defensivas), tropas da Luftwaffe (Força Aérea) e cerca de 125 policiais (ZALOGA, 2007).

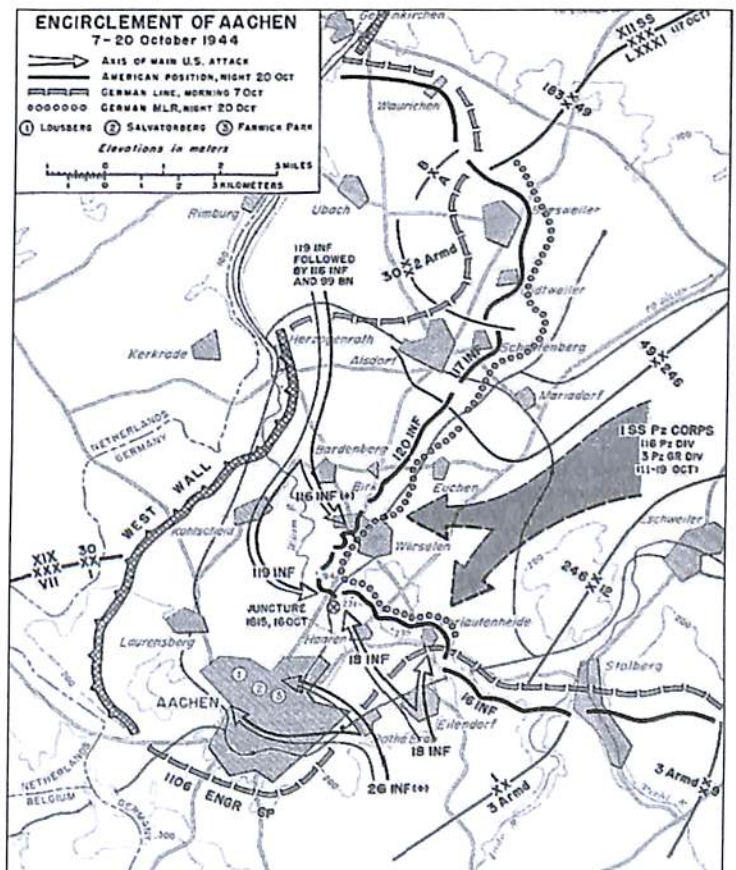


Figura 1 – Esquema de manobra do isolamento de Aachen

Fonte: Baumer, 2015

Apesar de abatidos, os alemães estavam bem instalados em sua posição defensiva, em um dispositivo que demandou muita habilidade e espírito ofensivo por parte dos Aliados.

As ações da 1ª Divisão de Infantaria, objeto desta análise, iniciaram-se a partir de 7 de outubro, com ataque em 8, e tinham por finalidade cooperar com a manobra do 1º Exército dos EUA. Durante as fases da missão, várias táticas foram empregadas e aprimoradas no curso das operações, fato que tornou o campo de batalha em torno de Aachen um verdadeiro centro de experimentos da arte da guerra. Mais tarde, as lições aprendidas naqueles combates viriam a influenciar na formulação da doutrina de muitos exércitos, inclusive na do Exército Brasileiro.

Para cumprir a árdua missão, os americanos empregaram vários preceitos e observaram vários princípios de guerra que são, até hoje, objetos de estudo.

Atualmente, a Doutrina Militar Terrestre brasileira prevê, em seu manual EB20-MF-10.102, os seguintes princípios de guerra: *objetivo; ofensiva; simplicidade; surpresa; segurança; economia de forças ou de meios; massa; manobra; moral; exploração; prontidão; unidade de comando e legitimidade* (BRASIL, 2014).

Por meio da arte operacional e da aplicação desses princípios, os comandantes podem avaliar o campo de batalha e escolher os métodos mais eficazes para fazer frente aos desafios do combate moderno.

A Batalha de Aachen trouxe diversos

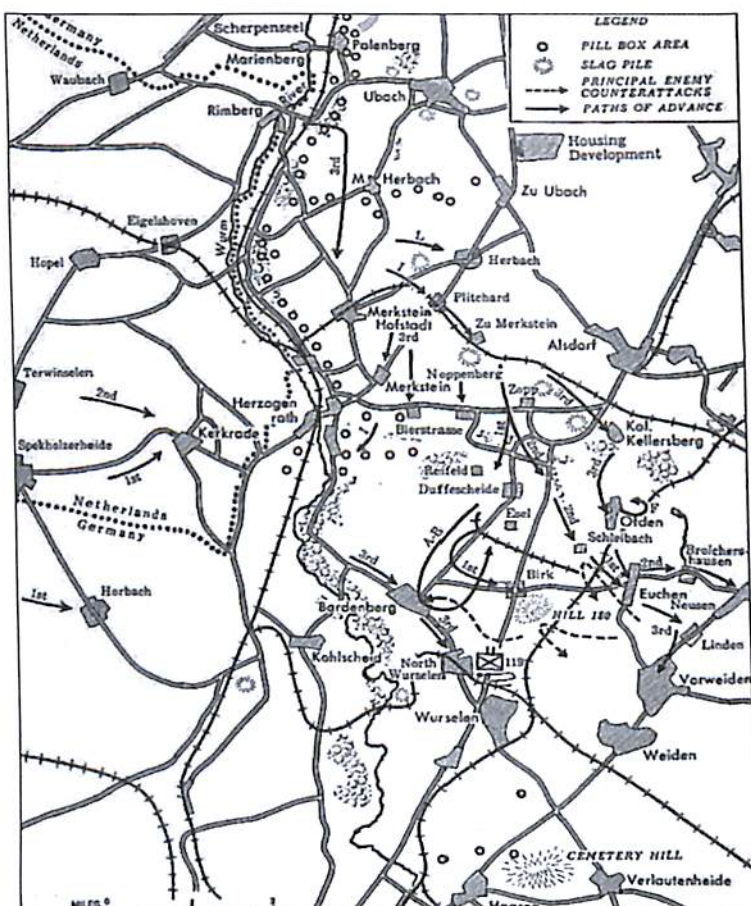


Figura 2 – Linha Siegfried — bem organizada linha defensiva construída pelos alemães a oeste da Alemanha

Fonte: Baumer, 2015

ensinamentos; muitos dos quais foram aplicados durante a própria Segunda Guerra Mundial e vigoram nas doutrinas dos exércitos do mundo inteiro até os dias atuais.

A seguir, com base nos atuais preceitos da Doutrina Militar Terrestre brasileira, serão analisadas as operações de isolamento e investimento conduzidas pela 1ª Divisão de Infantaria na cidade de Aachen em 1944, no contexto da manobra do 1º Exército dos EUA. Durante a análise, serão destacados os “princípios de guerra” observados, bem como serão apresentados, na conclusão, três

possíveis ensinamentos deduzidos do caso histórico analisado para a mencionada doutrina.

Operações conduzidas pela 1ª Divisão de Infantaria

Os ataques norte-americanos destinados à conquista da cidade alemã de Aachen ocorreram em duas grandes fases. A primeira, de isolamento, se deu de 8 a 10 de outubro. A segunda, de investimento, ocorreu de 13 a 21 do mesmo mês. Ambas serão abordadas a seguir.

Operações de isolamento

No contexto de um ataque a localidade, conforme o manual de campanha C 7-20 Batalhões de Infantaria, o termo “isolamento”

compreende o bloqueio das vias terrestres e aquáticas de entrada e saída de uma área considerada, [e] tem por finalidade impedir a chegada de reforços e suprimentos para os elementos isolados bem como impedir o retraimento destes. (BRASIL, 2003)

O objetivo é permitir que o atacante ocupe posições de bloqueio fora da área edificada para exercer seu pleno controle, podendo inclusive apoiar ações futuras pelo fogo.

Após vitoriosas campanhas aliadas na França, a Wehrmacht (Forças Armadas alemãs) recuou até a fronteira oeste de seu país, instalando-se defensivamente na Linha Siegfried. Em uma nova fase, os Aliados decidiram cruzar o rio Reno e capturar a área industrial do Ruhr, ficando clara a intenção de privar as forças alemãs de sua infraestrutura e de seus recursos minerais, fundamentais ao esforço de guerra. Segundo Zaloga

(2005) em sua obra *En la línea Sigfrido*, a região era uma importante rota para o coração industrial da Alemanha no Ruhr.

O 1º Exército dos EUA, sob o comando do tenente-general Courtney Hodges, composto pelo V, VII e XIX Corpos de Exército (C Ex), foi lançado pelo eixo Maubege-Liège-Aachen para conquistar Aachen. O isolamento dessa cidade era um pré-requisito crucial para o avanço para o leste até a região do Ruhr (PRICE III, 1985), uma região de passagem, sem a qual o apoio às tropas aliadas ficaria comprometido. Contudo, o primeiro passo era romper a Linha Siegfried.

O VII C Ex, comandado pelo Maj Gen Lawton Collins, era constituído pelas 1ª e 9ª DI, e pela 3ª Divisão Blindada. Durante o planejamento, coube à 1ª DI a missão de atacar para conquistar, a partir da noite de 8 de outubro de 1944, as elevações a nordeste de Aachen, sendo as alturas de Verlautenheide o seu primeiro objetivo. O intento era isolar a porção sul e leste de Aachen, devendo, ainda, realizar uma junção com a 30ª DI na porção nordeste da cidade para completar a operação de isolamento (MACDONALD, 1993).

Em seguida, os objetivos seriam Crucifix Hill e Ravels Hill (Hill 231), regiões que permitiam a ligação com a 30ª DI, do XIX C Ex, completando o cerco. O fato de a missão da 1ª DI — composta por três RI (16º, 18º e 26º) — ter sido claramente definida, com objetivos atingíveis, além de bastante alinhada à intenção do escalão superior, bem caracterizou o princípio de guerra *objetivo*, previsto na doutrina do Exército Brasileiro e que muito contribuiu para a consecução das operações planejadas.

Em uma próxima fase, a 1ª DI deveria ficar em condições de realizar um investimento na localidade, a fim de assegurar o controle daquela região, criando as melhores condições para o prosseguimento para a região do Ruhr (ZALOGA, 2005). De fato, era urgente aproveitar o êxito alcançado desde o desembarque na Normandia; entretanto, sem um eficiente apoio logístico, seria impossível manter rotas seguras de aprovisionamento para apoiar o avanço das divisões que se dirigissem para o vale do rio Reno.

Assim, Aachen era estratégica para ambas as partes da guerra. Por essa razão, o líder nazista designou três divisões para manter as posições no terreno: a 12ª DI, defendendo ao sul de Aachen; a 183ª Volksgrenadier Division, defendendo ao norte; e a 246ª Volksgrenadier Division, mantendo a localidade. Todas essas divisões eram subordinadas ao LXXXI C Ex, o qual era comandado pelo Gen Friedrich Köchling (MACDONALD, 1993). Tais tropas estavam situadas na zona de ação da 1ª DI norte-americana e já davam um prenúncio de como os combates lá se dariam, considerando a proporção das forças.

Quanto aos acidentes capitais de grande relevância para a 1ª DI, chamavam atenção as alturas de Lousberg Heights Hill, localizadas a nordeste da cidade. A razão era que, com a sua posse, se podia exercer efetivo comando sobre a localidade e sobre as vias de acesso que chegavam de nordeste, principalmente a autoestrada Aachen-Lourensberg, cortando o eixo de suprimento dos alemães e impedindo reforços às tropas nazistas localizadas na região. Além disso, a cidade era circundada por um conjunto

de elevações que a dominavam, tornando-a uma verdadeira fortaleza (PRICE III, 1985; FERRELL, 2000).

O 1º Exército dos EUA planejou suas ações em face da Linha Siegfried conforme o que já havia sido feito no desembarque na Normandia, como bem descreve Stephen Ambrose em sua obra *Soldados Cidadãos*:

O ataque do I Exército à Linha Siegfried, ao norte de Aachen, foi semelhante ao que lançara aos inimigos na Praia de Omaha quatro meses antes. Ele havia posto em prática o que tinha aprendido; a prática de exercícios tinha sido realista e extensa, já que os homens foram treinados em táticas de assalto especificamente moldadas para serem empregadas na Linha Siegfried. (AMBROSE, 2010, p.167)

Desta forma, a 1ª DI, parte do 1º Exército, utilizou conhecimento anterior, adquirido na experiência das operações na França, para intensificar suas ações ofensivas, uma vez que já visualizava um inimigo abatido após sucessivas derrotas. Tais aspectos são característicos do princípio de guerra da *exploração*, o qual, diante de um quadro evolutivo favorável, permite tirar vantagem tática e estratégica da situação, empregando as forças em toda extensão de sua capacidade, visando colher os efeitos desejados e chegar ao propósito final.

Na madrugada do dia 8 de outubro de 1944, a 1ª DI efetivou seu ataque aos objetivos situados no perímetro afastado de Aachen, empregando o 18º RI. O intento era surpreender os alemães e compensar sua significativa desvantagem numérica. O ataque resultou na conquista do monte Ravels, conforme nos conta Zaloga:

O Primeiro Exército dos EUA planejou fechar a lacuna em torno de Aachen usando a Primeira Divisão de Infantaria em larga frente. A divisão foi desdobrada em um cordão defensivo em torno das bordas do sul de Aachen com apenas um regimento livre para o assalto, o 18º de Infantaria. O ataque começou na madrugada de 8 de outubro, usando táticas de emprego do binômio tanque-infantaria combinados para romper os *bunkers* nas defesas da Linha Schill. Os objetivos iniciais foram uma série de colinas com vistas impressionantes da área norte da cidade em Verlautenheide, Crucifix Hill e Ravels Hill. (ZALOGA, 2007, p. 42, tradução livre)

Diante de tão audaciosa ação ofensiva, em proporção de meios menor que a adequada para um ataque tradicional, a 1ª DI investiu sobre as posições inimigas de tal forma que apanhou o oponente desprevenido, bem caracterizando o princípio de guerra da *surpresa*. A operação não permitiu que as tropas adversárias esboçassem qualquer reação mais eficiente, fato que garantiu a conquista do monte Ravels, e a posse aliada de tão importante região.

Na sequência das ações, e visando ampliar o êxito inicial obtido, o 18º RI prosseguiu atacando no dia 10 de outubro, conseguindo capturar a localidade de Haaren, situada no subúrbio de Aachen. Tamanho feito veio a assegurar interrupção das linhas de comunicação alemãs, devido à conquista de duas importantes rodovias situadas a sul da cidade. Com essa ação exitosa, executada pelo 18º RI, a 1ª DI evidenciou novamente o princípio de guerra da *exploração*, por haver intensificado suas ações ofensivas, ampliando o êxito inicial alcançado em 8 de outubro e conseguindo obter um efeito favorável da situação.

Diante da conquista dos pontos dominantes nas investidas realizadas, a 1ª DI estabeleceu ligação com a 30ª DI, ainda no dia 10, fechando o cerco à cidade. Em suas ações, a 1ª DI conseguiu se movimentar e dispor suas forças de forma a colocar o inimigo em desvantagem relativa, evidenciando o princípio de guerra da *manobra*. A aplicação desse preceito garantiu flexibilidade do poder de combate, colocando o inimigo em posição desvantajosa (BRASIL, 2014).

Durante essa fase do combate, a 1ª DI empregou os melhores meios dos quais dispunha para atacar os alemães, de ponta tecnológica considerando a época, incluindo apoio de fogo aéreo e de artilharia, trabalhos do 1106º Grupo de Engenheiros e meios blindados. Tal aspecto bem caracterizou o uso do princípio de guerra *massa*, ao se concentrarem forças visando obter a superioridade decisiva com qualidade e eficácia, no momento e local críticos, subjugando as tropas inimigas que tentavam manter a localidade.

A 1ª DI empregou largamente patrulhas de combate para esclarecer o terreno e assessorar o processo decisório. Era uma determinação do comandante do VII C Ex. Com elas, foi possível levantar o dispositivo alemão, o posicionamento de seus blindados, suas deficiências e limitações, bem como saber a localização dos obstáculos em sua zona de ação (FERREL, 2000). Com isso, estava garantida maior liberdade de ação, uma vez que, com um conhecimento mais detalhado do Inimigo, negava-lhe o uso da surpresa, evitando que ele obtivesse alguma vantagem inesperada. Assim, ficava caracterizado o uso do princípio da *segurança*.

Apesar dos sangrentos combates, muitos deles corpo a corpo, os norte-americanos mantiveram o seu ímpeto. Grande parte dessa força anímica foi oriunda dos sucessos anteriores obtidos e da liderança exercida pelos comandantes em todos os níveis, evidenciando mais um princípio de guerra — *moral*. A motivação dos integrantes da 1ª DI refletiu diretamente na conduta da tropa e no sucesso das operações, mesmo diante de um inimigo bastante perseverante e determinado.

Do exposto, conclui-se parcialmente que as operações de isolamento conduzidas pela 1ª DI, para exercer o controle aos arredores de Aachen, foram bem-sucedidas por terem sido baseadas em uma série de princípios, entre eles *exploração, objetivo, surpresa, manobra, massa, segurança e moral*. Tais aspectos doutrinários permitiram que as lideranças norte-americanas conjugassem seus meios disponíveis de modo eficiente e eficaz, garantindo o sucesso frente ao inimigo alemão, e conquistando as alturas que assegurariam melhores condições para a fase seguinte.

Operações de investimento

No dia 10 de outubro de 1944, com aproximadamente 60% do cerco completo, o comandante do 1º Exército enviou um ultimato ao general Wilck, no qual solicitava a rendição de suas tropas. Diante da rejeição alemã, a 1ª DI se preparou para executar um investimento sobre Aachen, ação pouco desejada pelos oficiais norte-americanos (AMBROSE, 2010). Fato era que os ensinamentos colhidos nos sangrentos combates urbanos em Stalingrado eram muito temi-

dos pelos norte-americanos. Todavia, o general Eisenhower estava decidido a conquistar aquela localidade.

Para tal propósito, foram designados o 2º e o 3º batalhões do 26º RI da 1ª DI. No total, investiram em Aachen cerca de dois mil militares dos EUA. O coronel John F. R. Seita, comandante do 26º RI, contou com o apoio do Ten Cel Derrill M. Daniel, comandante do 2º Batalhão (Btl), e do Ten Cel John T. Corley, comandante do 3º Btl (GOTT, 2006). O Ten Cel Derrill M. Daniel recebeu a difícil missão de comandar a operação, que teve início previsto para as 9h30 do dia 13 de outubro.

Tão acertada decisão, tomada pelo comandante do 26º RI, caracterizou o emprego do princípio de guerra da *unidade de comando*, fundamental ao êxito de qualquer operação. Ele bem sabia que o estabelecimento de um comando único assegurava unidade de esforços e traria bons frutos, conforme está previsto na atual doutrina militar brasileira. Com aquela nova atribuição, Derrill contava com cerca de três dias para analisar e estudar as defesas inimigas bem como para fazer seus planos (AMBROSE, 2010). Esse tempo foi crucial à análise pormenorizada de sua zona de ação e acabou por garantir condições para que a investida fosse bem-sucedida.

De imediato, os comandantes buscaram recompletar seus meios e aprimorar a instrução da tropa por meio de exercícios e de treinamentos mais intensos. Carros de combate do tipo Sherman, canhões antitanque rebocáveis e outras armas passaram a apoiar a infantaria. Os preparativos demonstravam que todos os esforços estavam

direcionados à tomada da localidade, deixando evidente o uso do princípio de guerra *objetivo*, uma vez que a conquista de Aachen representava para a Divisão uma meta claramente definida, um objetivo decisivo e tangível (BRASIL, 2014).

Tais procedimentos visavam a garantir melhores condições de combate aos norte-americanos, refletindo na sua motivação para a contenda. O próprio lema estabelecido, “Vamos acabar com eles”, já expressava a vontade de dizimar a defesa alemã lá estabelecida (AMBROSE, 2010). Assim, a busca constante pela manutenção do *moral* — um princípio de guerra — foi aspecto decisivo para o êxito da investida executada, tendo ele, até hoje, amplo espaço na doutrina militar de qualquer nação.

Mesmo diante do estudo detalhado realizado pelos aliados, as forças alemãs estabelecidas em Aachen foram mal avaliadas. Os norte-americanos não previram a possibilidade de consideráveis efetivos alemães ficarem detidos no interior da localidade, demandando o acréscimo de homens ao longo da ação para o cumprimento da missão. A solução encontrada pelos aliados foi utilizar tropa de engenharia como se fosse de infantaria, para ocupar posição no cerco no sul, permitindo a liberação do 26º RI para as ações principais da investida (PRICE III, 1985).

Como não houve sequer uma resposta à mensagem enviada tentando antecipar uma rendição, às 12h do dia 11 de outubro, foi iniciado um ataque contra a cidade, com pesados bombardeios aéreos e fogos de artilharia. Foram empregadas cerca de 300 toneladas de explosivos nesta preparação (GOTT, 2006). Informações colhidas pelo

canal de inteligência mostravam que a possibilidade de rendição era mínima, pois Hitler obrigou seus comandantes a fazerem um juramento, o qual, se descumprido pelo oficial, levaria à execução de sua família (PRICE III, 1985).

Os defensores acreditavam que o ataque à cidade viria do sul, região na qual os aliados concentraram a maioria de suas forças. No entanto, a investida se deu pelo leste, pegando o defensor de surpresa. Parte do sucesso de seu investimento foi em razão de o Gen Wilck ter demorado a acreditar que o esforço principal viria daquele setor, permitindo significativos avanços à 1ª DI. Como a manobra executada pegou os alemães despreparados, sem capacidade de reagir, ficou manifesto o emprego do princípio de guerra da *surpresa*, relevante para qualquer planejador.

Nessa ação, os aliados evidenciaram outros princípios de guerra, entre eles o da *ofensiva*, da *massa* e da *manobra*. O primeiro, por ter levado a ação bélica ao inimigo, de forma a se obter a iniciativa do combate (BRASIL, 2014). O segundo, por ter emasado o poder de combate no momento e local mais favoráveis às ações, conquistando superioridade decisiva (BRASIL, 2014), exatamente como fez ao atacar pelo leste. O último, *manobra*, foi claramente observado ao se colocar o inimigo em uma posição desvantajosa pela aplicação flexível do poder de combate (BRASIL, 2014).

Durante o investimento, o 2º Btl ficou responsável pelo setor sul, a área mais antiga e edificada da cidade, enquanto o 3º Btl ficou com o encargo da porção norte, composta por áreas industriais e elevações com menor adensamento (PRICE III, 1985).



Figura 3 – Carro de combate norte-americano atirando no interior da cidade de Aachen

Fonte: Zaloga, 2005

Na investida, pelotões foram empregados para limpar cada rua com apoio de carros de combate (**Figura 3**), de armas anticarro e de lança-chamas. As tropas de assalto utilizaram técnicas para a limpeza que envolviam a execução de tiros com carros de combate, artilharia e morteiros contra posições identificadas ou prováveis do inimigo. Tais ações evidenciaram os princípios de guerra da *massa* e da *ofensiva*, em razão do volume de meios empregados e da atitude agressiva das tropas norte-americanas.

O fogo indireto era transposto para o compartimento seguinte antes do avanço da infantaria. O tiro dos carros de combate foi usado para abrir passagem nos andares inferiores das edificações permitindo o avanço dos fuzileiros, evitando que estes ficassem

expostos nas ruas. Os alemães utilizaram os esgotos para infiltrar-se à retaguarda das posições americanas, obrigando-os a bloquear todos os bueiros, de modo a impedir a realização de contra-ataques na retaguarda (GOTT, 2006).

Das lições aprendidas, uma série de novos procedimentos empregados pelos aliados foi incorporada à doutrina norte-americana, e hoje constam em manuais brasileiros, como é o caso do C 17-20 – Forças-Tarefas Blindadas, particularmente no que se refere à sinergia do binômio “fuzileiro-carro de combate” (BRASIL, 2002b). O uso de tais técnicas evidencia o princípio da *segurança*, uma vez que o “binômio fuzileiros-carros de combate” visa evitar que o inimigo obtenha vantagem inesperada, colocando o oponente

em posição desvantajosa pela aplicação flexível do poder de combate (BRASIL, 2014).

O apoio de artilharia foi facilitado pelo posicionamento das peças ao sul da localidade, o que permitiu a execução do tiro com menor dispersão lateral em relação à direção de tiro norte-sul, resultando em maior segurança para as tropas aliadas que progrediam na direção leste-oeste. O uso de granadas de tempo, que explodiam após penetrar vários andares, facilitaram as ações de limpeza, e aumentaram o poder de combate aliado. Foi ainda utilizado o tiro direto de artilharia autopropulsada de 155mm (**Figura 4**) contra posições que apresentavam maior resistência por parte dos alemães (PRICE III, 1985).

Quanto ao emprego da artilharia, verificou-se o emprego dos princípios de guerra da *segurança*, que veio a negar ao inimigo

qualquer obtenção de vantagem inesperada que pudesse comprometer o poder de combate aliado; da *massa*, por ter assegurado uma concentração de poder de fogo que resultou em uma força esmagadora no momento e local oportunos; e da *ofensiva*, este caracterizado pela conquista e manutenção da iniciativa das ações, estabelecendo o ritmo das operações (BRASIL, 2014).

O plano de assalto designou zona de ação para cada companhia, as quais utilizavam um pelotão em cada rua com apoio de carros de combate ou morteiros pesados. O estabelecimento de pontos de controle ou pontos de ligação em prédios ou interseção de ruas permitia a coordenação entre as tropas que avançavam (PRICE III, 1985). Esse método de progressão no interior da área edificada também foi incorporado à doutrina



Figura 4 – Aliados utilizando fogos diretos de artilharia 155mm contra edificações

Fonte: Ferrel, 2000

na militar brasileira. As medidas de coordenação e controle utilizadas hoje em temas militares, por exemplo, são ensinamentos que permitem coordenar e controlar o avanço das frações de modo seguro, evitando o fratricídio. Tal aspecto evita, além do fogo amigo, os ataques de surpresa do inimigo, evidenciando o uso do princípio de guerra da *segurança*.

No dia 14 de outubro, os alemães lançaram um contra-ataque sobre o 3º Btl, empregando oito canhões de assalto e tropas no valor de um batalhão, utilizando-se de uma brecha a noroeste do dispositivo do cerco, que não estava completamente fechado. O êxito inimigo permitiu o reforço às suas tropas. Após repelirem o ataque, os norte-americanos deram início ao processo de limpeza (PRICE III, 1985). Esse fato ocorrido deixa latente o erro norte-americano em não ter isolado eficientemente todo o perímetro da cidade, sendo uma lição a ser destacada na doutrina militar brasileira atual.

Não tardou muito e, novamente, o investimento foi temporariamente interrompido pelo ataque de duas divisões Panzers contra as tropas que estavam defendendo o perímetro, as quais conseguiram repelir os alemães e fechar definitivamente o cerco à cidade no dia 16 de outubro, com a ligação da 1ª DI com a 30ª DI. Consolidava-se, ali, o corte total da ligação da cidade com as tropas alemãs externas, aproximando-se o fim dos combates no interior da localidade.

Como consequência, o ressuprimento alemão ficou dificultado, e a maioria dos lançamentos de suprimento aéreo caiu em áreas controladas pelos aliados (PRICE III, 1985). Assim, as tropas aliadas continuaram reali-

zando a limpeza da cidade, casa a casa, quarteirão a quarteirão, e, no dia 21 de outubro, atingiram o posto de comando das tropas alemãs, momento no qual o Gen Wilck e seu estado-maior se renderam, finalizando a resistência alemã no interior da cidade (PRICE III, 1985).

Diante do acima exposto, conclui-se parcialmente que as operações de investimento realizadas pela 1ª DI, em Aachen, trouxeram uma série de ensinamentos à doutrina militar da época, os quais acabaram por se refletir na brasileira. Dentre eles destacam-se o emprego do binômio “fuzileiros-carros de combate” e a necessidade de se isolar completamente a localidade antes de partir para o investimento. É importante frisar que as ações executadas pelos aliados foram embasadas em sólidos princípios de guerra, entre eles, *segurança, objetivo, moral, manobra, massa, unidade de comando e ofensiva*, os quais possibilitaram a sincronização dos meios de tal modo que conseguiram subjugar os alemães e levá-los à rendição.

Conclusão

As operações de isolamento e investimento conduzidas pelas tropas dos EUA em Aachen, na Alemanha, em 1944, foram de grande importância para a vitória final dos Aliados no ano seguinte. O sucesso alcançado pela 1ª DI em conquistar a localidade abateu fortemente o moral dos soldados alemães, que viram aos poucos suas posições sendo tomadas diante dos bem-sucedidos ataques aliados.

Em síntese, verificou-se que as ações ofensivas norte-americanas visando obter o

pleno controle da localidade, nas duas fases da operação, foram bem fundamentadas em princípios de guerra, com destaque para *exploração, moral, surpresa, manobra, massa, segurança e unidade de comando*, todos primordiais ao êxito das operações, que culminaram com a tomada da primeira cidade em solo alemão no curso da guerra.

Esse fato muito abalou os nazistas, que não mais descartavam a proximidade do fim do conflito. A agressividade das operações aliadas levou os alemães a seguidas derrotas e a retrair em direção ao leste. Após o inolvidável desembarque da Normandia, os EUA reafirmaram sua liderança diante das tropas aliadas, conseguindo libertar a França, e fazendo-os retroceder para oeste da Linha Siegfried. Em torno de Aachen, ocorreram com-

bates sangrentos, com perdas de milhares de vidas; no entanto, mais uma vez, os aliados se impuseram e derrotaram os oponentes.

Um possível ensinamento visualizado para a doutrina militar brasileira, hoje constante dos manuais de campanha brasileiros que tratam do assunto, foi observado quando do sucesso nazista em uma investida que se aproveitara de uma brecha deixada no dispositivo aliado. Tal êxito alemão permitiu o reforço às suas tropas e fez parar todas as ações de investimento em curso dos aliados, colocando em risco o seu poder de combate. Essa lição fez a doutrina passar a prever o ataque em duas fases bem distintas: isolamento e investimento. Graças ao contra-ataque oportuno, o controle da situação foi retomado, e o perímetro do cerco foi restabelecimento.



Figura 5 – Investimento nas ruas de Aachen em Out de 1944, com apoio de blindados
Fonte: Zaloga, 2007

Outro ensinamento colhido foi a constatação de que o apoio mútuo entre fuzileiros e carros de combate (**Figura 5**) é extremamente aplicável ao ambiente urbano, por garantir poder de fogo e proteção blindada aos fuzileiros durante a progressão. Esse preceito já está previsto nos preceitos da Doutrina Militar Terrestre do Brasil e hoje é ministrado em exercícios diversos, bem como largamente aplicado em operações no exterior (Haiti) e em comunidades na cidade do Rio de Janeiro. Tal técnica, utilizada para avançar diante do oponente em melhores condições, muito executada pela 1ª DI na investida em Aachen, tende a se consolidar e ser determinante ao sucesso no combate urbano moderno.

O emprego de pequenas frações no interior da localidade, com medidas de coordenação e controle bem definidas, foi também uma lição aprendida durante a análise realizada. O objetivo era, com o estabelecimento de pontos de controle ou pontos de ligação em edificações ou mesmo em ruas, evitar o descontrole no avanço das tropas no ambiente urbano, com exposição ao fratricídio. Tais medidas são empregadas até hoje e permitem

um adequado nível de coordenação e controle das ações nos diferentes escalões.

Cabe aqui destacar que os princípios de guerra da *exploração, moral, surpresa, manobra, massa, segurança e unidade de comando* foram, nesta análise, os que mais ficaram evidentes e promoveram as condições essenciais para que as decisões tomadas, em todos os níveis, fossem as mais eficazes, proporcionando significativa vantagem tática e estratégica frente aos alemães.

Por fim, a manobra ofensiva norte-americana realizada sobre a região de Aachen marcou o início da derrocada nazista em solo pátrio, constituindo um episódio militar singular no contexto da Segunda Guerra Mundial, em um temido combate em localidade. A rendição, em 21 daquele mês, frente à habilidosa ação que os deixou cara a cara com o posto de comando alemão da 246ª Volksgrenadier Division, foi a prova cabal de que as lideranças aliadas haviam assimilado em definitivo os ensinamentos colhidos ao longo de tantas batalhas, os quais são hoje devidamente explorados e consolidados na doutrina militar brasileira. ☉

Referências

AMBROSE, Stephen E. **Soldados cidadãos: do desembarque do Exército Americano nas praias da Normandia à batalha das Ardenas e a rendição da Alemanha**, 7 de junho de 1944 a 7 de maio de 1945. Rio de Janeiro: Bertrand, 2010. 629 p.

BAUMER, Robert W. **Aachen: the U.S. Army's battle for Charlemagne's city in WWII**. Stackpole Books. Mechanicsburg, 2015.

BRASIL. Exército. Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. **Formatação de Trabalhos Acadêmicos**. 2. ed. Rio de Janeiro, 2007.

_____. **Manual Escolar Elaboração de Projetos de Pesquisas na ECEME (ME 21-259)**. Rio de Janeiro, 2012.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **C 21-30: Abreviaturas, Símbolos e Convenções Cartográficas**. 4. ed. Brasília, 2002a.

_____. **C 7-20, Batalhões de Infantaria**. 3 ed. Brasília. 2003.

_____. **C 17-20: Forças-Tarefas Blindadas**. 3. ed. Brasília, 2002b.

_____. **EB20-MF-10.102: Doutrina Militar Terrestre**. 1. ed. Brasília, 2014.

BRASIL. Ministério da Defesa. Estado-Maior de Defesa. **MD33-M-02: Manual de Abreviaturas, Siglas, Símbolos e Convenções Cartográficas das Forças Armadas**. 3. ed. Brasília, DF, 2008.

FERRELL, Bruce K. **The Battle of Aachen**. The 1944 Siege of Germany's West Wall Led to MOUT Fighting in a Historic City, 2000.

GOTT, Kendall D. **Breaking the Mold – Tanks in the cities**. U.S. Army Command and General Staff College, Combat Studies Institute, Fort Leavenworth, Kansas, USA. 2006.

MACDONALD, CHARLES B. **The Siegfried Line Campaign**. Washington. D.C. US Government Printing Office, 1993.

PRICE III, Robert E. et all. **The Battle of Aachen: Offensive, deliberate attack, MOUT**. Staff Group 13c, Combat Studies Institute, U. S. Army Command and General Staff College. Fort Leavenworth, EUA, May, 1985.

ZALOGA, Steven J. **Aquisgrán, septiembre de 1944: En la línea Sigfrido**. 1ª Ed. Osprey Publishing Ltd. UK, 2005.

ZALOGA, Steven J. **The Siegfried Line 1944-45 – Battles on the German frontier**, NY, 2007.

NR: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.